

REGISTRO BIBLIOGRÁFICO

Almanach Litterario de São Paulo, para os annos de 1876 a 1885. Edição fac-similar. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado/Arquivo do Estado/Instituto Histórico e Geográfico, 1982. 8 vols.

Embora com atraso, não podemos deixar de registrar um dos mais significativos empreendimentos culturais já levados a efeito em São Paulo: a reedição fac-similar dos oito volumes do **Almanach Litterario de São Paulo**, dados à estampa entre 1876 e 1885. “Para a realização do tentâmen, uniram-se esforços e recursos, sempre sob a égipe governamental, de três tradicionais instituições de São Paulo: O Instituto Histórico e Geográfico, o Arquivo Público do Estado e a Imprensa Oficial do Estado”, informa José Pedro Leite Cordeiro, presidente da primeira das entidades citadas, em nota de “explicação” da série. E com justiça, salienta, ainda, as colaborações de João Falchi Trinca, de Délio Freire dos Santos e de May Brocking Negrão. Da importância, em seu aspecto cultural, desta reedição, diz Carlos Penteadó de Rezende, grande conhecedor das coisas do passado paulistano, em “nota prévia” que antecede o primeiro volume. Constituem estes almanaques fontes preciosas para o conhecimento da cidade de São Paulo, sobretudo nos seus aspectos sociais e cotidianos. “Trata-se de obra muito rara — diz Carlos Penteadó de Rezende — só conhecida por bibliófilos e estudiosos da velha São Paulo. As poucas coleções existentes se apresentam truncadas ou em mau estado. Foi preciso um esforço de pesquisa para localizar e reunir, em seqüência, oito volumes em condições de serem reimpressos. Valeu a boa vontade. Assuntos ignorados, personalidades olvidadas, informações de valor histórico permanente, peculiaridades locais desaparecidas — quanta coisa valiosa ficou registrada nos pequenos tomos desta coleção. Todo um período histórico, em pinceladas variadíssimas, reponta nestas páginas impregnadas de veracidade e autenticidade. De certa maneira, é o espírito do Segundo Império que ali ressurgue, sereno, generoso, acolhedor. Observe-se que Lisboa (José Maria Lisboa, o criador destes almanaques) delimitou o seu campo de trabalho, concentrado, preferencialmente, nos temas paulistas. Não o acometeram pretensões de inculcar doutrinas ou de exercer influências políticas. Um discreto ecletismo, característico da mentalidade reinante, transparece no teor das colaborações. O seu **Almanach Litterario** representou, assim, uma contribuição amena

circumspecta, ao desenvolvimento social e ao lazer das famílias estabelecidas em áreas urbanas ou rurais. Daí a sua valia para a posteridade: como que espelhava, fixando-os graficamente, os valores culturais vigentes na época”. ONM (Cortesia dos editores.)

Badaró, Líbero – Liberdade de Imprensa. Introdução de Brasil Bandecchi. São Paulo, Parma, 1981. 71 p. (“Cadernos de História”, v. 16.)

“Em 1830 morria, assassinado, um dos grandes vultos do liberalismo: João Batista Líbero Badaró. Seu nome é quase lendário. É um símbolo de quantos dão a própria vida em holocausto à liberdade. Espírito universal, veio para o Brasil no vigor dos seus 28 anos de idade e, 4 anos após a sua chegada, desaparecia tragicamente da vida mortal para entrar na história. Sua luta, na imprensa, pelas liberdades fundamentais do homem foi meteórica. Durou 13 meses. Seu jornal, o segundo editado em São Paulo, o **Observador Constitucional**, está reclamando publicação em volume, a fim de que não se perca esse precioso documentário histórico” (da nota de apresentação da Editora). Comemorativo do sesquicentenário da morte de Líbero Badaró foi a iniciativa de publicar-se o presente volume, de cuja introdução histórica incumbiu-se Brasil Bandecchi, grande estudioso do liberalismo e dos movimentos liberais do século passado. Contém o volume, ainda, a reprodução de um soneto escrito por ocasião da morte de Badaró por seu amigo, José Marciano Gomes Ribeiro, então aluno do primeiro ano da Faculdade de Direito de São Paulo; um estudo sobre “Líbero Badaró e a Medicina”, excerto de um ensaio mais amplo de Duílio Crispim Farina; e finalmente o texto integral de **Liberdade de Imprensa**, publicado em 1829, originalmente em seu jornal **Observador Constitucional** e reproduzido pouco depois no **Astréa**, órgão da imprensa do Rio de Janeiro, em seus números de 19 de novembro e 5 de dezembro daquele mesmo ano. Posteriormente, foi o texto de **Liberdade de Imprensa** reimpresso por Nicolau Duarte Silva em seu ensaio sobre o grande jornalista, publicado em o volume 28 (1930), da “Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo” e novamente (1978) no jornal **Unidade**, órgão oficial do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo. Assim, supõe Bandecchi seja esta sua edição a quinta impressão que se faz do importante texto e a primeira, certamente, em volume avulso. Reproduz, ainda, o volume um quadro representando Líbero Badaró em seu leito de morte, ao pé do qual J. de Campos Novaes anotou: “Retrato autêntico tirado no leito de morte Por Hércules Florence, seu amigo íntimo. Esse retrato serviu de base para numerosas

gravuras que se conhecem desse grande patriota”. ONM (Cortesia do Prof. Brasil Bandecchi.)

Dall’Alba, Pe. João Leonir – Laguna antes de 1880: documentário. Florianópolis, Lunardelli/Udesc, s.d. (1979). 176pp.

Para este volume, serviu-se o autor de textos valiosos sobre a terra catarinense, inéditos com exceção de um só: “Notícias da povoação e fundação da vila da Laguna”, por Francisco de Brito Peixoto (manuscrito da Biblioteca Nacional); “Descrição do Município”, por Francisco Isidoro Rodrigues da Costa, “documento de valor incalculável para a história do sul do Estado e do País, pela sua extensão, 216 páginas manuscritas, por sua relativa antigüidade (1881), pela citação de documentos mais antigos, pela ampla gama de aspectos geográficos, históricos e sociológicos abordados com o critério de um historiador e a forma literária de um escritor”; “Livros de vendas de escravos” (extratos de livros conservados no arquivo da Comarca de Laguna); cartas de Luigi Rossetti a Giovanni Battista Cuneo, de grande valor para a história da Farroupilha, datadas todas da “Cidade Juliana da Laguna”. Rossetti foi discípulo de Mazzini; exilou-se na América do Sul com Garibaldi e outros italianos, na década de 1830; “idealistas, quiseram implantar nas jovens nações americanas os ideais que a velha Europa ainda não aceitava”; partindo de Montevidéu, lutaram no Rio Grande e, finalmente, fundaram a República Catarinense; suas cartas, diz o organizador do volume, apresentam “uma visão idealista do movimento republicano, num contexto internacional”. Contém, ainda, o volume excertos (sobre Laguna) da grande obra de Avé-Lallemant e uma pequena síntese da história da cidade. É importante ressaltar que todos os textos são anotados e comentados pelo organizador do volume. ONM (Cortesia dos editores.)

Dantas, Manuel – Uma figura do Império: o Conselheiro Paulo Barbosa da Silva. Pref. de José Calazans. 1983. 58 p.

Manuel Dantas, o fino escritor sergipano, enriquece a bibliografia histórica brasileira com o presente estudo, focalizando o vulto do Conselheiro Paulo Barbosa da Silva e prefaciado pelo consagrado historiador José Calazans, também sergipano. Paulo Barbosa da Silva, mineiro de Sabará, figura quase esquecida de nosso passado, foi mordomo, camarista e guarda-jóias do Palácio Imperial, ao tempo de D. Pedro II. Durante a Regência, foi ele

quem, de fato, exerceu o governo. “Na sua residência, a Chácara da Joana, reuniam-se os políticos em conciliábulos que tudo decidiam. Foi quando começou a se falar no **Clube da Joana**”. Graças à probidade inatacável de Paulo Barbosa da Silva e à sua vigilância sem tréguas, o Segundo Império brasileiro desconheceu a corrupção administrativa e os escândalos financeiros, o que não é dizer pouco em nenhum tempo ou lugar. Nem mesmo os maiores inimigos e detratores da Monarquia sequer aludiram ao menor abuso em matéria de dinheiro público àquela época, o que se deve à têmpera do conselheiro Paulo Barbosa, figura que se engrandece ainda mais em nossos dias de venalidade institucionalizada, de concussão e peculato oficializados e de mordomias sem pudor. A presente crônica é uma vinheta animada do Segundo Império, que deve ser conhecida por todos os que querem aprender sobre o nosso passado algo mais do que ensina a historiografia oficial. (Nota de Gilberto de Mello Kujawski; cortesia de Benedito Barbosa Pupo.)

Eurípedes Simões de Paula: in memoriam. São Paulo, 1983. 720pp.

“Poucos historiadores brasileiros poderiam receber uma homenagem como esta, através da qual professores, colegas, ex-alunos, orientandos, companheiros da campanha na Itália da Força Expedicionária Brasileira e amigos tributam as suas saudades e admiração a um homem extraordinário: **Eurípedes Simões de Paula**. Uma comissão composta dos professores Antônio Cândido de Melo e Souza, Aziz Simão, Maria Regina da Cunha Rodrigues Simões de Paula, Oscar Sala, Oswaldo Porchat de Assis Pereira da Silva e Simão Mathias, todos da Universidade de São Paulo, tomou a si a elaboração deste expressivo volume **In Memoriam** do mestre. O resultado é uma soma de depoimentos e trabalhos de alta qualidade científica, com os quais procurou-se render homenagem a um professor e historiador, um administrador e colega, cuja ação derramou-se por toda a Universidade ao longo dos anos, estendendo-se a inumeráveis outras instituições, beneficiando toda uma geração de universitários, constituindo padrão de dignidade, de extrema habilidade em lidar com moços, de sensibilidade intelectual e dinamismo em saber como liderar e levar para a frente os estudos históricos no Brasil nestes últimos 50 anos. Professores norte-americanos, orientais, europeus e latino-americanos se consorciaram nesse tributo a um intelectual singular que se multiplicou e se deu em diferentes áreas do saber, estimulando, orientando, formando e sendo solidário em todos os momentos com aqueles que tiveram o privilégio de com ele conviver. Fundador e maior incentivador durante sua vida da Associação Nacional dos

Professores Universitários de História, fundador e mantenedor da **Revista de História**, Simões de Paula alargou ainda suas atividades em iniciativas as mais variadas e de alta significação, dentro e fora da Universidade” (nota de Gonçalves do Amaral, no “Correio Popular”, de Campinas, 31-1-1984). Esta revista, que foi a primeira publicação do País a prestar uma homenagem a Eurípedes Simões de Paula, dois anos após o seu falecimento, dedicando-lhe um número especial com artigos sobre ele e uma seleção de escritos seus, não pode deixar de regozijar-se com a publicação do belo volume que aqui se registra. Colaboram no **In Memoriam**, por ordem alfabética: Agnello Rossi (Dom), Albert Audibert, Alfredo Bosi, Américo Jacobina Lacombe, André Camlong, Anita Novinsky, Antônio Cândido, Antônio de Barros Ulhoa Cintra, Atratino Cortes Coutinho, Aziz Nacib Ab Sáber, Aziz Simão, Carlos Guilherme Mota, Charles Morazé, Charles Verlinden, Clovis Grossi, Deoclécio Redig de Campos, Enrique de Gandia, Erasmo Garcia Mendes, Ernesto A. Pascoal Senise, Fernand Braudel, Fernando Henrique Cardoso, Fernando Mourão, Francisca Isabel Vieira Keller, Francisco da Gama Caeiro, Francisco Iglésias, Frederic Mauro, Fritz Pinkus, Gilberto da Silva Gorgulho, Hélio Abranches Viotti (Pe.), Hélio de Moura, Helmi Mohamed Ibrahim Nasr, Henry Isaac Sobel, Isaac Nicolau Salum, Jean Gagé, João Batista Borges Pereira, Jorge Borges de Macedo, José Aldo Pasquarelli, José Alfio Piason, José Bueno Conti, José Gonçalves, José Honório Rodrigues, José Reis, José Roberto do Amaral Lapa, José Sebastião Witter, José Tadeu Arantes, Kee Yan Wing, Lev Slioshin, Lewis Hanke, Maria de Lourdes Monaco Janotti, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Marieta Alves, Marta Vanucci, Michel Mollat, Miguel Reale, Mituo Taketani, Niko Suzek, Oscar Francisco de Sales, Oscar Sala, Oswaldo Porchat de Assis Pereira da Silva, Paulo Pereira de Castro, Paulo Sawaya, Pedro Beraldo, Philippe Wolff, Raquel Glazer, Ricardo M. Gonçalves, Roberto de Paula Messiano, Rolando Morel Pinto, Ruy Galvão de Andrada Coelho, Ruy Marcelo Gomes Pinto, Samuel Goldenberg, Samuel Pfromm Netto, Shozo Motoyama, Sílvio Zavala, Simão Mathias, Ted Eston de Eston, Teiti Suzuki, Ubirajara Dolácio Mendes, Ulpiano Bezerra de Menezes, Vicente Marota Rangel, Victor Deodato da Silva e Victoria e Joubran El-Murr. (Cortesia da Fac. de Filo., Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.)

Ferreira, Barros — “Tordesillas”: um pingo no mapa, um borrão na História. São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura, Comissão de Geografia e História, 1982. 68 pp. (Coleção Histórica, v. 22.)

Descrevendo uma visita à pequenina Tordesillas, “um pingo no mapa” (no qual, de fato, mal aparece), mas “um borrão na

História”, o autor nos apresenta excelente estudo crítico de numerosos pontos significativos da história luso-castelhana naquele agitado final do século XV. Não apenas a história do famoso tratado de 1494, mas os numerosos fatos que conduziram a ele ou dele resultaram. É sabido que o tratado assinado a 7 de junho daquele ano para dividir o mundo “en dos zonas que habria de ser objecto de descubrimiento e evangelización”, nunca foi demarcado. Seus termos, bastante vagos, trouxeram mais problemas que soluções. A segurança com que o autor tratou destes assuntos complexos que interessam não apenas à história dos dois povos peninsulares, mas igualmente à dos povos sul-americanos, torna seu livro título capital na já valiosa bibliografia existente sobre o assunto. As qualidades do autor como escritor foram devidamente ressaltadas no prefácio de Mario Savelli. ONM (Cortesia do autor.)

Flores, Moacyr – Colonialismo e missões jesuíticas. Pref. Dionísio Fuertes Alvarez. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/Instituto de Cultura Hispânica, 1983. 176pp.

Baseia-se o presente volume em uma série de pesquisas na documentação da Coleção De Angelis e na revisão histórica da bibliografia existente. O autor insere as Missões da Província Jesuítica do Paraguai no sistema colonial espanhol, orientado para a conquista e ocupação dos espaços indígenas, através de contatos civilizatórios com destruição de uns e aproveitamento de outros valores culturais indígenas, criando novas estruturas da sociedade missioneira de uma maneira sui-generis, que até hoje provocam a admiração dos estudiosos e de visitantes de suas ruínas. Em seu prefácio, salienta Dionísio Fuertes Alvarez o quanto “vários focos polêmicos contribuem para turvar as águas das fontes de documentação sobre as Missões: o dualismo pró ou contra os jesuítas, de modo mais amplo pró ou contra o trabalho e a orientação da Igreja Católica, no seu programa político-social; o dualismo pró Espanha ou pró Portugal, na disputa secular de ambas as nações pela posse do território riograndense; o dualismo pró ou contra o comunismo de que, com maior ou menor razão se estima estarem imbuídas as instituições missionárias, são os principais”. E acrescenta que o professor Moacyr Flores demonstra, entre suas muitas qualidades, “uma completa e consciente isenção, um total respeito pela objetividade dos fatos, ao mesmo tempo que a variedade das fontes utilizadas. Não descreve nem poderia descrever tudo o que mereceria ser descrito; não dá, nem poderia dar a versão definitiva do fenômeno missionário; não discrimina, nem poderia discriminar o real valor das fontes que utiliza, mas o que faz – e é

muito – fá-lo com plena consciência, com absoluta sinceridade, com perfeita isenção de ânimo, sobrepondo sempre o fato à opinião, e a realidade objetiva à interpretação pessoal”. Afeito a tratar do assunto em diversas oportunidades, pois alguns dos capítulos que formam o livro, foram apresentados como conferências ou comunicações e simpósios ou em cursos de história rio-grandense, soube o autor expor de maneira clara e objetiva o necessário para a compreensão de um dos capítulos mais significativos da história do sul do Brasil, desde os fatos individualizados relativos ao sistema colonial, às bandeiras paulistas, ao povoamento do Rio Grande, aos tratados de limites, à expulsão dos jesuítas, até os aspectos culturais da região missioneira. Este é, aliás, um dos grandes temas da história rio-grandense. De seu interesse, bastaria lembrar a realização bienal, na cidade de Santa Rosa, de “simpósios de estudos missioneiros”, dos quais esta publicação já se tem ocupado, e dos quais o professor Moacyr Flores é participante atuante. E o mais significativo é que a entidade que promove tais simpósios tem conseguido publicar com regularidade os seus anais, que constituem, assim, repositório magnífico para o estudo do tema, não só pela divulgação de fontes, como pelo tratamento especializado dos assuntos propostos. Essa iniciativa da cidade de Santa Rosa extrapolou de seu âmbito local, pois tem despertado interesse em pesquisadores, historiadores, sociólogos e antropólogos de diversas regiões do País. Constituem, hoje, uma das importantes ocorrências a assinalar, bienalmente, o calendário cultural do Brasil. ONM (Cortesia do editor.)

Pasin, José Luiz – Guaratinguetá: tempo e memória. São Paulo, RK/Secretaria do Estado da Cultura, 1983. 92 p.

Este trabalho – explica o autor – “reúne textos e registros mais expressivos da evolução de Guaratinguetá ao longo de trezentos anos, enriquecidos com as reproduções de pinturas, desenhos e fotografias que assinalam as mudanças urbanísticas e paisagísticas ocorridas ao longo do tempo”. Figuram nesta antologia guaratinguetaense páginas de Frei Agostinho da Piedade (1723), D’Orbigny (1827), Aires do Casal (1817), Spix e Martius (1817), Arnaud Julien Pallière (1821), Saint-Hilaire (1822), Daniel Pedro Müller (1838), Milliet de Saint-Adolphe (1845), Carlota Pereira de Queiroz (1965), Zalar (1861), Azevedo Marques (1876), von Koseritz (1884), Alfredo Moreira Pinto (1896), João Mendes de Almeida (1902) e Nero Senna (1942 e 1944). Uma excelente sugestão a que se faça o mesmo com outras cidades. ONM (Cortesia do autor.)

Pessoa, Reynaldo Xavier Carneiro – O ideal republicano e seu papel histórico no segundo reinado: 1870 – 1889. Apresentação de José Sebastião Witter. São Paulo, Edições do Arquivo do Estado, 1983. (Coleção “Monografias”, v. 6) 263 pp.

Feliz, sob todos os aspectos, a iniciativa do Arquivo Público do Estado, incluindo em sua série de “Monografias” o presente ensaio do saudoso Reynaldo Xavier Carneiro Pessoa, originalmente sua tese de doutoramento apresentada à Universidade de São Paulo, em 1972, e aprovada com distinção por uma comissão examinadora da qual o responsável por esta publicação honra-se de ter participado. Circunstâncias diversas, inclusive a dificuldade de rever certos tópicos de seu trabalho, como fora sugerido pela comissão, retardaram tanto sua publicação que o próprio autor não teve o prazer de vê-la efetivada, pois faleceu, após tenaz enfermidade, no início de setembro de 1979. José Sebastião Witter, depositário dos originais da tese, entendeu — e o fez bem — de não retardar mais a divulgação do excelente ensaio, embora sem a revisão que seu autor certamente se comprazeria em fazer. “Procurou-se evitar alterações de qualquer natureza para não trair o pensamento do autor”, explica Witter na apresentação do volume. Para acrescentar, linhas depois, que seu estudo “cobre um período da história do Brasil em que profundas mudanças começavam a se evidenciar” e no qual emergem as forças republicanas capazes de “alterar as regras do jogo político, disputado por liberais e conservadores durante todo o período imperial”. Não chegou a alterar tanto quanto se esperava e nem se processou mudança imediata e radical, mas a República acabou triunfando. O livro de Reynaldo Pessoa aí está “para ser estudado e discutido por um público maior”, pois tal como no original, circunscreeveu-me aos que o examinaram e a alguns amigos privilegiados aos quais o autor pôde fornecer uma cópia. E assim o Arquivo do Estado, na administração Witter, continua dinamizando seu setor de publicações, dando preferência a trabalhos de grau universitário, que doutra forma dificilmente poderiam ser publicados. Já cinco trabalhos desta natureza vieram a lume na coleção denominada simplesmente **Monografias**. ONM (Cortesia do Arquivo do Estado).

*

PERIÓDICOS

Publicações do Museu Municipal de Paulínia, nº 27, fevereiro de 1984: Análise das cores e desenhos lineares na cerâmica pré-histórica de Monte Mor (Renata Parada Pazinato); Histórias Waurá (Vera Penteadó Coelho); Elementos extramusicais no canto dos índios (Desidério Aytai).

Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Nº 332, julho/setembro de 1981: A pesquisa de fontes primárias e a produção historiográfica do Espírito Santo (Gabriel Augusto de Mello Bittencourt); Análise da literatura periódica

brasileira na área da História (Helena Dodd Ferrez); Uma pista para o enigma das paisagens brasileiras desaparecidas de Frans Post (P. J. Whitehead e R. Joppien); A Alfândega de Moçambique e os resgates de Sofala (Carlos Xavier); Saudação a Alberto Ribeiro Lamego (Marcelo Moreira de Ipanema); O Segundo Reinado (Alberto Ribeiro Lamego); Cândido Mendes de Almeida (Pedro Calmon e Américo Jacobina Lacombe); Saudação a Paulo Werneck da Cruz (Francisco Ruas Santos); A História e as novas condições do pensamento científico (Paulo Werneck da Cruz); Kant e a ciência moderna (idem); O sistema eleitoral após a Lei Saraiva (Mircea Buescu); Olinto José Meira, presidente de duas províncias no Império (Sílvio Meira); Correspondência do Barão de Mareschal; Nº 333, outubro/dezembro de 1981: O Império e o Condestável (José Bezerra Gomes); Beija-mão. Colação de grau. Juramento na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (Fernando Bruno Lobo); Origens e implantação da Academia Militar das Agulhas Negras (Umberto Peregrino); Teodoro Sampaio, uma visão original (A. J. Alves Sobrinho); Centenário de Miguel Calmon (Pedro Calmon); José Joaquim da Maia (Leã Boechat Rodrigues); Cinquentenário da eleição dos sócios Pedro Calmon e Barbosa Lima Sobrinho (Dalmo Freire Barreto); Correspondência do Barão de Mareschal. Nº 334, janeiro/março de 1982: O plano de Pitt e o futuro do Brasil (Pedro Calmon); A Biblioteca da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no Império (Francisco Bruno Lobo); A descoberta de Lund no Brasil (Hélio Póvoa); Autores militares em discussão (Umberto Peregrino); Bicentenário de Gonçalves Ledo (Marcello e Cybelle de Ipanema); Observações a respeito da imigração americana no Brasil no século passado (Egon e Frieda Wolff); O barroco no Brasil (Augusto C. da Silva Teles); Racconto storico (Alessando Broetto); Congresso comemorativo do 9º centenário da Batalha de São Mamede e Buenos Aires e o Brasil (Pedro Calmon); No centenário de Ana Neri (Cybelle de Ipanema); Cinquentenário do Correio Aéreo Nacional (Nelson F. Lavenère-Wanderley); Natalidade e mortalidade da população escrava (Mircea Buescu); A Antártica e os desafios da era oceânica (Eurípedes Cardoso de Menezes); Conselheiro Pedro: Autran da Mata Albuquerque (Antônio Pimentel Winz); Uma interpretação marxista da escravidão no Brasil (Mircea Buescu); Israelitas no diário de D. Pedro II (Egon Wolff); A coroação da rainha dos mortos (Vicente de Paulo Vicente de Azevedo); A nobre missão dos Institutos Históricos (Sílvio Meira); Correspondência do Barão de Mareschal. Nº 335, abril/junho de 1982: Comissão de Exame do Ensino Sistemático e Assistemático de História do Brasil; Uma tentativa de colonização do Jari (Arthur César Ferreira Reis); A Guerra do Paraguai: um laboratório da doutrina militar pouco explorado (Cláudio Moreira Bento); Exportação no Brasil colonial (Mircea Buescu); A Abolição à luz de documentos (Raul Lima); Correspondência do Barão de Mareschal; Inocêncio Serzedelo Correia, abolicionista, republicano e homem de Estado (Mário Barata); Unidades do sistema métrico português (Maurício Amoroso Teixeira de Castro); Camões, poeta máximo (Pedro Calmon).

*
* * *